

A poética do orfismo na revista *Cavalo Azul*

The poetics of Orphism in *Cavalo Azul* review

Renato Coffy Rodrigues
UFSC

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2024.e99739>

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

Resumo

A revista *Cavalo Azul* foi editada e publicada pela poeta Dora Ferreira da Silva, entre 1964 e 1989. Voltada sobretudo para a poesia e para a filosofia, a publicação teve 12 volumes esparsos e contou com a colaboração de diversos escritores, intelectuais, artistas e poetas, brasileiros e estrangeiros. Apesar disso, ela não recebeu a devida atenção dos estudos literários e culturais, ficando praticamente à margem, propriamente, dos estudos sobre periódicos literários e culturais brasileiros. No âmbito deste artigo, sugerimos, a partir de dados auxiliares sobre a publicação, uma linha interpretativa que associa a *Cavalo Azul* a uma tradição órfica da poesia. Com essa hipótese de leitura, apresentamos os primeiros resultados de nossa investigação acerca da poética do orfismo na *Cavalo Azul*, desenvolvida a partir de uma leitura de suas imagens (Cavalo Azul, Poeta Vate, Eremita), tendo em vista, ademais, seu contraste com a lógica supostamente dominante no cenário dos periódicos literários e culturais brasileiros. Assim suscitamos, por fim, algumas questões acerca do deslocamento da tradição órfica, e suas variantes, em relação, sobretudo, à modernidade poética no Brasil, com o fim de sugerir uma visão mais complexa do quadro da poesia brasileira, numa perspectiva abrangente, desde o modernismo às décadas de 1960, 1970 e 1980.

Palavras-chave: *Cavalo Azul*; Dora Ferreira da Silva; Orfismo.

Abstract

The *Cavalo Azul* review was edited and published by the poet Dora Ferreira da Silva between 1964 and 1989. Focusing mainly on poetry and philosophy, the publication had 12 sparse volumes and included the collaboration of various Brazilian and foreign writers, intellectuals, artists and poets. Despite this, it has not received the attention it deserves in literary and cultural studies and has remained practically on the margin of studies on Brazilian literary and cultural periodicals. In this article, based on auxiliary data about the publication, we present an interpretative line that associates *Cavalo Azul* with an Orphic tradition of poetry. With this reading hypothesis, we present the first results of our investigation into the poetics of Orphism in *Cavalo Azul*, developed from a reading of its images (Cavalo Azul, Poeta Vate, Eremita); also in view of their contrast with the supposedly dominant logic in the scenario of Brazilian literary and cultural periodicals. Finally, we raise some questions about the displacement of the Orphic tradition, and its variants, in relation, above all, to poetic modernity in Brazil, with the aim of suggesting a more complex vision of the framework of Brazilian poetry, in a broad perspective, from modernism to the 60s, 70s and 80s.

Keywords: *Cavalo Azul*; Dora Ferreira da Silva; Orphism.

Introdução

Este artigo apresenta os primeiros resultados da pesquisa acerca do projeto estético e filosófico singular da *Cavalo Azul*, revista de poesia e filosofia editada e publicada em São Paulo pela poeta, tradutora e ensaísta Dora Ferreira da Silva, entre 1964 e 1989. Além de uma apresentação sumária da publicação, propomos aqui o desenvolvimento de uma linha interpretativa consistente de suas principais temáticas, a partir da qual, por fim, mencionaremos possíveis desdobramentos de pesquisa, que julgamos possam ser relevantes para os estudos literários e culturais.

Assim, haja vista o cotejamento de dados auxiliares sobre a revista² com os pressupostos críticos, poéticos, estéticos e filosóficos manifestados nos enunciados de seus colaboradores, chegamos à hipótese de que a *Cavalo Azul* vincula-se a uma certa tradição órfica da poesia. Ou seja, a uma orientação literária e filosófica que parece identificar o ato poético como uma forma de imanentização do transcendente; como correspondência mágica entre os mundos interior e exterior, numa espécie de misticismo secularizado.

Por conta de tal vinculação, percebe-se que a *Cavalo Azul* distingue-se significativamente em relação à lógica considerada dominante³ no cenário

1 Mestrando em Literatura (PPGLIT/UFSC). Contato: renatocoffy@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

2 Os dados que fundamentam essa linha são decorrentes de um rigoroso trabalho de leitura integral (12 volumes), catalogação, indexação e correlação de dados referentes a resumos, palavras-chave, autores citados, gêneros do discurso, entre outros, de todas as unidades textuais da revista. Esta primeira etapa da pesquisa foi desenvolvida no Núcleo de Estudos Literários e Culturais (NELIC), no âmbito do projeto Poéticas Contemporâneas e na Base de Dados Periodismo Literário e Cultural. Sobre o trabalho com periódicos culturais desenvolvidos no NELIC, acessar: <https://nelic.ufsc.br/>. Sobre a metodologia de pesquisa e de indexação adotadas em nossa pesquisa, Cf. PETRY, Fernando Floriani. O cão e o frasco, o perfume e a cruz. Dissertação - UFSC, PPGLIT, 2011.

3 Em vista do caráter controverso dessa opinião, pretendemos apurá-la com base em um

dos periódicos literários e culturais brasileiros, principalmente pela forma de fixar a historicidade do presente. Isto é, enquanto revistas como *Civilização Brasileira* (1965) e *Argumento* (1973-1974), entre outras, — sobretudo acadêmicas, nas quais, segundo Antelo (2007, p. 9-10), se concentrava a parcela mais atuante da crítica — se orientam pela secularização e o laicismo, a *Cavalo Azul* pautar-se-ia pela continuidade do princípio teológico, mantendo-se fiel a uma secularização imanente ou a uma imanência transcendente.

É em vista dessa compreensão que desenvolvemos nossa pesquisa, a fim de discernir, por exemplo, a que tradição, a que princípio teológico, ou a que concepção órfica da poesia está vinculada a revista *Cavalo Azul*. Com tais questionamentos, colocados em vista do provável antagonismo da publicação, suscitaremos ainda, nas considerações finais deste trabalho, outras temáticas por ora incipientes em nossa investigação, relativas notadamente à modernidade poética no Brasil.

Nesse sentido, pretendemos proceder a partilha do mal de arquivo⁴ da *Cavalo Azul*, isto é, entrar em seu arquivo movente, a fim de investigar as tensões e criar, a partir da descrição⁵ dos traços de sua poética, sob a ótica do detalhe, outras leituras possíveis, particularmente quanto à tradição órfica na poesia brasileira, numa perspectiva temporal abrangente⁶.

amplo repertório sobre periodismo literário e cultural, tendo em conta as experiências de análise que atendam ao objeto revista em suas relações com a modernidade, o tempo, a literatura e o arquivo. Assim, consideraremos em nossa pesquisa os trabalhos de Raul Antelo (1984, 1997, 2007), de Maria Lucia de Barros Camargo (1998, 2003, 2013, 2016) e Viviana Bosi (2021).

4 DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana, 2001, p. 23-24.

5 Entendemos a descrição como uma forma de (inventar)iar o arquivo, de “trabalhar com o periódico a partir da noção de móvel, daquilo que pode, e deve ser movido dentro do arquivo” (Petry, 2011, p. 114).

6 Isto é, na contracorrente da teleologia geralmente aceita, sem que façamos apologia da tradição aqui estudada, tratando sempre de evidenciar a complexidade da dinâmica histórica. Cf. CAMILO, Vagner. A modernidade entre tapumes. Da poesia social à inflexão neoclássica na lírica brasileira moderna, 2020, p. 19.

Em suma, sugerimos uma leitura transversal dessa revista importante, porém esquecida e de difícil acesso — indentificando suas linhas de força, seus pressupostos teóricos, seus conflitos; focalizando nas leituras que a permeiam, seus atores — a partir da questão do orfismo e suas imagens (Orfeu, Poeta Vate, Eremita, Cavalo Azul).

A revista *Cavalo Azul*

Figura 01: Cavalo Azul nº7. Acervo de Maria Lucia de Barros Camargo



Nesta seção, faremos uma apresentação descritiva da revista em estudo, tendo como referência, porém apenas para situá-la provisoriamente, o cenário das revistas de cultura, em cuja linha do tempo, proposta por Sérgio Cohn (2011), estão incluídas, por exemplo, revistas “de invenção” como *GAM* (1966-1978), *Pif paf* (1964) e *Invenção* (1962-1967); “alternativas” como *Navilouca* (1974) e *José* (1976-1978); e “independentes” como *Bric-*

a-brac (1986-1992), e *34 Letras* (1989-1990)⁷. Passemos agora a uma breve contextualização histórica da publicação, bem como à exposição de suas principais temáticas.

Idealizada em 1964, na casa de Dora e Vicente Ferreira da Silva, ou na casa do espírito, como a definia João Guimarães Rosa (1958), provavelmente na mesma “sala europeia” onde foram concebidos os 16 números da revista *Diálogo* (1955-1963), a *Cavalo Azul* teve o primeiro de seus 12 números publicado em 1965, não obedecendo

a um plano de realização pré-estabelecido. Lança-se em busca sincera, e o grupo de colaboradores tem um denominador comum mínimo: o anseio de preservar, em nosso ambiente fechado, um espaço lúdico no qual toda verdadeira cultura se move. Esta tertúlia inicial convoca todos aqueles que quiserem fazer parte deste amplo diálogo, cuja finalidade não é a de confinar ou delimitar territórios de pensamento, mas ampliar a conversação que fundamenta mundo e homem. As vozes serão ainda díspares, não concordam sempre entre si. Falarão de temas vários, em estilos vários. Mas algo de sinfônico já se faz ouvir (Mariana [Dora Ferreira da Silva], 1965, p. 2).

Tal disparidade pode ser percebida na interlocução intelectual, frequentemente discordante, entre dois de seus idealizadores, Dora e Vilém Flusser, o que, segundo Rafael Alonso (2018, p. 137-143), apontava sempre para atitudes existenciais muito diferentes. Talvez por isso Dora tenha preferido publicar, como epígrafe, no primeiro volume, apenas o fragmento de um datiloscrito de Flusser: “*Cavalo Azul*, nossa radicação, nossa pertinência à Terra. Mas os antigos já sabiam que o cavalo é e não é desta terra: as pontas das quatro patas tocam levemente o chão, para alçar vôo” (Flusser, [s.d.], *Cavalo Azul*, nº 1, 1965, p. 3).

⁷ Enfatizamos que esta tipologia está relacionada ao período estudado e não a características intrínsecas das revistas, que não entram aqui em discussão.

Sendo ou não desta terra, a revista passa, tal como um espectro, ao largo do quadro das publicações literárias brasileiras. Talvez em razão de sua singular heterogeneidade temática, percebida no índice de qualquer um dos seus 12 volumes — como no 7º, que traz ensaios de Milton Vargas sobre “O problema do mal na poesia de Eliot” e de Lygia Bove sobre a ópera rock “Jesus Cristo superstar” —, a publicação, dificilmente classificável, tenha ficado à margem tanto em relação às acadêmicas primeiramente aqui referidas, quanto às últimas apontadas como “de cultura”.

Além da heterogeneidade algo dissonante — que poderá ser melhor compreendida, como aventaremos aqui, numa leitura transversal das figuras ou imagens da revista (Orfeu, Cavalo Azul, Eremita, Poeta Vate) — chama a atenção o aparente alheamento da *Cavalo Azul* quanto ao contexto sócio-político-cultural brasileiro, não havendo em suas páginas, como usualmente ocorria nas demais revistas do período, menção a fatos e discussões mais imediatas, com exceção apenas do Concretismo.

Da mesma forma, não são estimadas particularidades culturais do período como, por exemplo, o surgimento do Tropicalismo ou, ulteriormente, da poesia dita marginal. Nomes, porém, pouco conhecidos para além do círculo de amigos de Dora — à exceção, talvez, de Henriqueta Lisboa, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Domingos Carvalho da Silva e José Paulo Paes —, coabitam as páginas dedicadas à poesia, com Shakespeare, Hölderlin, T.S Eliot e Juana Inés de la Cruz, traduzidos sobretudo por Dora Marianna⁸.

Em razão desses aspectos, entre outros que não poderiam ser aqui devidamente considerados, é que sugerimos uma tratamento peculiar da *Cavalo Azul* em relação à historicidade contemporânea; principalmente pelo

8 Trata-se de uma variação do nome da editora, oscilante nos 12 volumes esparsos (1964-1989) entre Dora Ferreira da Silva, Dora Mariana e Dora Mariana Ferreira da Silva.

fato de a revista não tomar partido de qualquer vertente da poesia brasileira supostamente dividida, à época, entre os experimentalismos de linguagem e o engajamento⁹.

Publicada, aliás, durante o “presentismo”, período que, segundo François Hartog (1996, *apud* Bosi, 2021, p.33), teria começado por volta de 1968 e se afirmaria a partir de 1989, a *Cavalo Azul* parece pautar-se justamente pela

[...] referência e oposição ao futurismo, como a expressão de um profundo questionamento do regime moderno de historicidade. O futuro, o progresso e as ideologias que a ele se prendem perderam sua força de convicção no momento mesmo que a distância entre horizonte de espera e campo de experiências tornaram-se máximos (Bosi, 2021, p. 33).

Essa relação pode ser corroborada na leitura das colaborações ensaísticas, nas quais aparece um certo posicionamento crítico em relação ao progresso e às ideologias racionalistas, positivistas e antropocêntricas de todo gênero. Isso confere à *Cavalo Azul* “certo ar de exemplaridade característico de momentos de grande desencanto histórico, em que os paradigmas do passado pairam como monumentos a serem imitados, numa visão resignada de circularidade e decadência ao mesmo tempo,” (Hartog, 1996 *apud* Bosi, p. 34).

No caso da revista de Dora, porém, tais paradigmas parecem pairar como valores e figuras a serem renovadas, ainda que num contexto um tanto escatológico de desintegração histórica, política e cultural do ocidente; forma particularmente antagônica às revistas de resistência (*Civilização Brasileira, Movimento, Argumento e Opinião*) engajadas num processo de

9 Tencionamos problematizar essa divisão conforme “A cisma da Poesia Brasileira” In: SISCAR, Marcos. Poesia e Crise, 2010, p. 149-168.

secularização e laicismo.

Diferente dessas, bem como das publicações vinculadas às vanguardas e dos periódicos institucionais, a *Cavalo Azul* poderia ser comparada apenas com as pequenas e médias publicações, relacionadas a grupos menores, tais como *Flor do Mal*, *Beijo*, *Bondinho*, e “que de alguma forma partilhavam concepções próximas à contracultura” (Bosi, p. 377-378).

Observamos, ainda, que o processo de editoração pessoalizado da *Cavalo Azul* (tiragem reduzida, periodicidade intermitente, efemeridade) parece análogo ao dessas “aventuras privadas e precárias” dedicadas à poesia (Triling *apud* Camargo, 2013, p. 7-8). Revistas de comunidade de ideias, porém inoperantes, “sem obra, sem projeto de produção do sentido único” (Camargo, 2013, p. 12). O que ainda parece distinguir a *Cavalo Azul* em relação às pequenas revistas seria, caso seja produtora nossa hipótese, a já referida continuidade do princípio teológico via revitalização de uma certa tradição órfica da poesia. Se não vejamos.

Uma leitura

Com base nos dados auxiliares sobre a publicação, podemos pormenorizar vários aspectos fundamentais para a caracterização da revista. Sobre os principais poetas colaboradores, por exemplo, é possível precisar que, em um total de 70 poemas publicados, 9 são de Dora Ferreira da Silva, 5 de Celso Luiz Paulini; 3 de Paulo Bomfim e Maria José de Carvalho; e 2 de Péricles Eugênio da Silva Ramos e Theon Spanudis.

A diretora da revista aparece também como a primeira na listagem geral dos autores colaboradores. Em um total de 153 colaborações, 15 são de Dora; 6 são de Vilém Flusser, Celso Paulini e T.S Eliot (poemas traduzidos); Gilberto Kujawski e Vicente Ferreira da Silva (póstumo) (5); Spanudis (4);

Edmar José de Almeida, Milton Vargas e Anatol Rosenfeld, C.G

Jung; Martin Heidegger, Maria José de Carvalho, Paulo Bomfim e José Paulo Paes (3).

Entre os principais gêneros textuais, em um total de 159 colaborações, estão o poema, (72), e o ensaio (55), isto entre materiais autorais e traduções. No âmbito dos ensaios, as palavras-chave mais recorrentes, num total de 293 registradas, foram *Poesia*, com 26 registros; *Religião* (20); *Filosofia* (15); *Existencialismo* (12); *Romantismo e Mito* (9); *Obra e Ontologia* (8); *Epistemologia, Ciência, Renascimento e Arte* (7); *Modernidade e Psicologia* (6); *Crítica e Estética* (5); *Magia e Mitologia* (4).

Os autores mais citados, em um total de 882, são Martin Heidegger (24); Platão (18); Hölderlin (16); Nietzsche (15); Rilke e C.G Jung (10); Schelling e Kant (9); Novalis (8); Karl Marx (7); Friederich von Schiller e Shakespeare (5); e Vicente Ferreira da Silva (4).

Com esses dados, sempre associados a uma análise atenta dos enunciados de seus idealizadores, mesmo quando inéditos na própria publicação, consolida-se uma primeira leitura, uma linha interpretativa em relação à poética do orfismo¹⁰ na revista *Cavalo Azul*.

10 Quanto à definição de orfismo, adotamos, por ora, e sobretudo por termos em vista a precedência, como apontada acima, da temática religiosa na *Cavalo Azul*, a perspectiva que subjaz a pesquisa fundamental de Alberto Bernabé (2003) acerca da literatura e religião órficas. Segundo ele, o orfismo se caracteriza pela atribuição à figura mítica de Orfeu da autoria de poemas através dos quais se procuraria transmitir uma revelação religiosa de matriz dionisíaca, pautada sempre pela crença na expiação e na liberação da morte, assim como na metempsicose (Bernabé, 2003, p. 15). Mantenedor de uma vida de estrita pureza, ademais de celebrar diversos ritos, em contínua liberação do corpo transitório, o poeta trata de temáticas intrínsecas aos mistérios órficos e que se refiram à cosmogonia e à antropogonia e, conseqüentemente, à origem, destino, ao processo de salvação e à salvação propriamente dita das almas. Trata-se o orfismo, em suma, de uma seita iniciática, notadamente místico-religiosa, “cujos postulados incluíam teogonia própria, atividade poético-intelectual, regras rígidas de conduta e crença na metempsicose e na origem divina do ser humano” (Brunel, 2005, p. 766 apud Pires, 2013, p. 70). Crença renovada, com o advento da modernidade poética romântico-simbolista, como pensamento órfico, “nos modos por que o poeta moderno se caracteriza e se autoneia Demiurgo, Iniciado, Vidente, Tradutor, Profeta, Vate, Eleito etc. – e tem em Orfeu seu protótipo platônico-ideal” (Pires, 2013, p. 71). Para uma caracterização mais ampla do pensamento

Assim, na abertura do 2º volume, nos chama atenção a seguinte nota editorial: “Esta tertúlia inicial convoca todos aqueles que quiserem fazer parte deste *amplo diálogo*, cuja finalidade não é a de confinar ou delimitar territórios de pensamento, mas ampliar a *conversação que fundamenta mundo e homem*” (Mariana, 1965, p. 2, grifo nosso). No datiloscrito inédito “Cavalo Azul”, Vilém Flusser escreve:

As manifestações da civilização brasileira atual são manifestações de crise aguda. Um dos símbolos da crise é o cavalo azul, mediador entre dois reinos. Nas pinturas etruscas transporta as almas de uma vida para a outra. O cavalo é uma forma de ser que, se vista simbolicamente, é e não é “desta terra”. Desafia a gravidade à qual está sujeito. Toca, levemente, a terra com a ponta dos quatro pés, mas somente como que para alçar voo. O cavalo azul quase já alçou voo. No cavalo azul a cavalidade está prestes a romper as algemas da particularidade. Simboliza, nessa cavalidade extrema, aquele estágio da crise que rompe as algemas. É por isto que foi escolhido como símbolo desta revista (Flusser, s.d., grifo nosso).

Percebe-se que nos dois textos é determinante a ideia de mediação, a qual consideramos norteadora para nossa interpretação. Sobretudo se considerarmos que a mediação tem em vista, frequentemente, uma unidade, num amplo diálogo, não seria indevido estabelecer a relação dessa categoria com alguns aspectos filosóficos do romantismo alemão propriamente dito, uma vez que já foi apontada, nos dados acima referidos, a precedência dessa geração para os idealizadores e colaboradores da *Cavalo Azul*. Mais precisamente, consideramos, aqui, aspectos elaborados por Fichte e Schelling que culminam, segundo Gerd Bornheim (2013, p. 75-112), na elaboração do idealismo mágico de Novalis, mais relacionado à concepção de poesia e

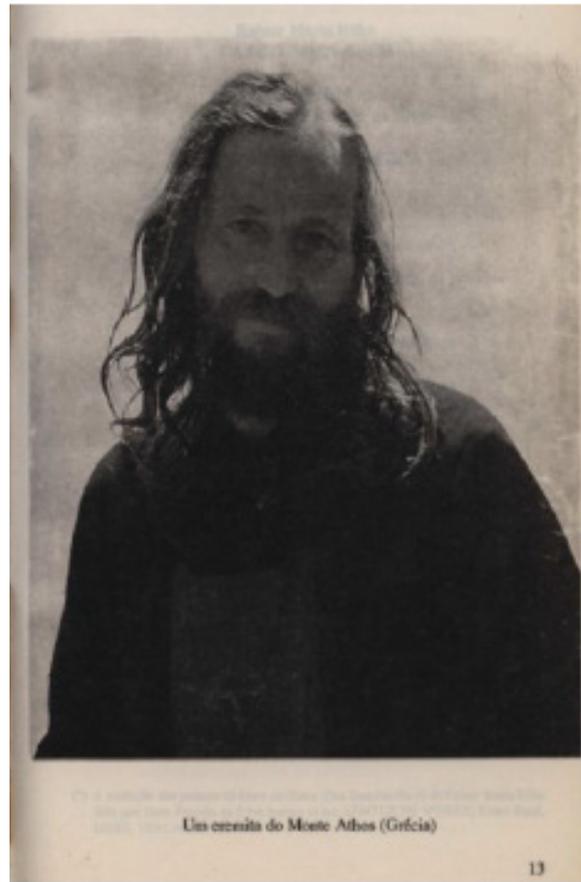
órfico, Cf. Pires, p. 69-72). No âmbito da lírica brasileira moderna, o orfismo pode ser concebido, ainda, como a crença nos poderes transcendentais da poesia e como a “reabilitação conjunta da figura arquetípica do poeta”; porém importando sobretudo sua “dimensão de mito civilizador em associação com o emprego que se fez, ao longo dos séculos, de sua ciência e poder de reafirmar a supremacia do literário diante das disputas instituídas pelos saberes ou conhecimentos vizinhos, bem como para postular a autoridade do especialista” (Camilo, 2020, p. 28).

de criação poética.

Salientando a importância da categoria de unidade para a primeira geração romântica, e o rompimento específico desta com o dualismo kantiano, fundado na oposição sensível- espiritual, Bornheim observa que para os românticos alemães, sobretudo os da primeira fase do romantismo alemão — representados principalmente por Hölderlin e Novalis, justamente os mais presentes e mencionados na revista — o poeta torna-se uma espécie de sacerdote que faz a mediação entre o material e o espiritual, decifrando as mensagens do universo, e possibilitando, mediante a transformação do artefato artístico, a materialização do espírito absoluto.

Tendo em vista essa concepção, sugere-se, aqui, a relação entre a figura do eremita publicada no último volume da *Cavalo Azul*, assim como suas diferentes projeções, também presentes na revista, e o conceito de poder mitogênico difundido entre os românticos alemães, e que foi justamente tratado no primeiro texto da publicação “Aspectos do Romantismo Alemão”, de Anatol Rosenfeld (1964). Esse poder, segundo Benedito Nunes, é um dos principais elementos conformadores da conduta espiritual dos românticos alemães, empenhados no processo de poetização da vida “[...] com que se tentou contrabalançar o rompimento das correlações significativas da cultura tradicional em mudança” (Nunes, 2013, p. 70).

Figura 02: “Um eremita no Monte Athos”, Cavallo Azul nº 11/12, 1989



A presença dessas projeções na *Cavallo Azul* poderia, portanto, estar relacionada a um processo análogo de poetização da vida, haja vista a precedência na revista da questão do habitar poeticamente, porém atualizada sob a perspectiva heideggeriana acerca da linguagem como morada do ser¹¹. Ademais, são recorrentes as críticas de seus principais colaboradores ao progresso e às ideologias racionalistas, positivistas e antropocêntricas de todo gênero.

Tudo isso confere à *Cavallo Azul* uma presença muito peculiar, quando considerada no âmbito das já citadas publicações culturais dos anos 1960 e 1970. Situando-se à margem mesmo das revistas “marginais”, a revista parece se retirar, tal como o eremita ou como o cavalo que não é desta terra, numa solidão voluntária frente às provações do tempo, tendo em vista a mediação/construção, ainda que utópica, de uma faina poética humana, de um novo

período de transcendência, ou melhor, de imanentização do transcendente.

É possível que na sobrevivência desse projeto romântico de poetização da vida, de extroversão espiritual e construção de uma nova mitologia — e aqui retomamos as considerações de Gerd Bornheim — esteja implícita, conforme a nossa hipótese, uma concepção órfica da criação artística e poética, segundo a qual a intuição do artista é prisma através do qual são comunicados os esquemas esteticamente comunicativos da vivência religiosa.

Daí a recorrência da figura do Poeta Vate, do Eremita, cuja conduta espiritual romântica, entre ascensão e descensão, subida e queda, atesta uma sublimação divergente do processo de des-romantização como tendência geral que, segundo Hugo Friedrich (*apud* Nunes, 2013, p.73-74), teria se implantado na lírica após Mallarmé¹².

Como observa Nunes, a visão romântica ainda resiste na arte e na literatura da modernidade polarizadas pelo romantismo e, diríamos, segundo a hipótese que subjaz nossa pesquisa, como sobrevivência órfica na *Cavalo Azul*. Assim, essa pequena revista poderia ser considerada como índice de uma comunidade inconfessável, sem projeto de produção ou sentido único, mas que, ao menos vagamente, orientava-se contrariamente à preeminência da lírica moderna e, talvez, à inflexão neoclássica da lírica brasileira (Camilo, 2020).

Tal hipótese se torna plausível se considerarmos o resgate de uma tradição germânica e de aspectos não clássicos da Grécia antiga — “Grécia dionisíaca e a Grécia órfica”, segundo Oswald de Andrade (2021, p. 766) — atualizados na *C. A.* via primeira geração romântica, a cuja eminente figura, Hölderlin, é dedicado o sexto número em 1970, precisamente a geração ainda pouco reputada pela historiografia literária brasileira¹³.

12 Ponderaremos essa perspectiva a partir de sua contestação por Alfonso Berardinelli (2007).

13 Segundo Kestler (2002, p. 71), “No Brasil, as historiografias da literatura em sua maioria

Portanto, acreditamos que a *Cavalo Azul* pode ser vinculada, em vista dessa presumível recuperação da primeira geração romântica, a uma tradição órfica, que se caracteriza, segundo Elisabeth Sewell (1961, *apud* Hamburguer, 2007, p. 38), pela estreita vinculação entre uma “pós-lógica da poesia moderna [...] com os desenvolvimentos na ciência e no pensamento” Reforçam essa hipótese as referências constantes, na *Cavalo Azul*, à poesia como um ato de “ imanentização” do transcendente; como prática reveladora de uma correspondência mágica entre os mundos interior e exterior (Vortriede, 1963 *apud* Hamburguer, p. 47); à alquimia; e à ciência pós-moderna, vista geralmente como uma forma de “misticismo secularizado.”

Essa concepção de poesia vinculada ao pensamento científico e filosófico, e identificada com a verdade, sempre desvelada, porém, na experiência vivencial, constitui certamente uma das afinidades eletivas da *Cavalo Azul*. Pois nela o poeta é referido como um vate, um artista mediador que cria “remitologizando um arquétipo, criando novos símbolos e novas situações”(Freitas e Souza, 2013, p. 28). O ato poético parece consistir, assim, para a maior parte de seus colaboradores, numa “explication orphique de la terre, l’explication de l’homme”(Mallarmé *apud* Moutinho, s.d., p. 63-67).

Considerações finais

A partir dessa linha interpretativa, portanto, tencionamos aprofundar a investigação acerca da poética do orfismo na *Cavalo Azul*, revista de poesia e filosofia importante, porém esquecida e de difícil acesso, tendo em vista

seguem o modelo de periodização importado da França, classificando assim Goethe por exemplo como autor romântico. Além disso, o curto período do Sturm und Drang é denominado na imensa maioria das historiografias literárias no Brasil de pré-romântico, fato este que revela o profundo desconhecimento da maior parte dos autores das continuidades e sobretudo das discontinuidades no campo estético-filosófico entre o Sturm und Drang e o movimento romântico posterior a ele.” Para as classificações mencionadas Cf. Luiza Lobo. Teorias poéticas do romantismo, 1987.

seu antagonismo, no que diz respeito sobretudo à questão da secularização, em relação ao contexto dos periódicos literários e culturais brasileiros.

Assim, com o desenvolvimento da pesquisa, passaremos à análise específica do material poético e filosófico da revista, tendo em vista sua vinculação à tradição órfica na poesia, assim como seu antagonismo, ou afinidade, em relação às variantes dessa mesma tradição na poesia brasileira, seu resgate e reverberação no presente.

Para tanto, será importante aprofundarmos a questão da secularização, com o intuito de complexificar nosso entendimento da tradição órfica na poesia brasileira. Nesse sentido, o questionamento crucial do qual partiremos diz respeito à provável insuficiência do vínculo com os materiais teológicos disponíveis para o caminho à imanência, precisamente no caso de Dora Ferreira da Silva. Mais especificamente, teremos em conta a poética do entre-lugar em Dora, no que concerne à questão da figura de Orfeu em tempos de carência, apontada por Maura Voltarelli Roque (2014).

Como desdobramento dessa temática para além do caso de Dora, pretendemos questionar igualmente a relação de Murilo Mendes com a tradição em questão. Assim, a análise de Vagner Camilo (2020) será importante para a compreensão de uma peculiar concepção órfica na *Cavalo Azul*, possivelmente divergente em relação ao messianismo muriliano, ao mito civilizador da chamada Geração de 45, entre outras variantes órficas apontadas pelo pesquisador. Ainda em relação à vinculação do poeta mineiro com a tradição órfica, teremos em conta também o trabalho de Murilo Marcondes de Moura (1996).

Outro cruzamento importante, e que poderá sugerir uma visão mais complexa acerca da poesia brasileira, diz respeito à questão da “imanentização” do transcendente, do misticismo secularizado, no caso, sob o viés da utopia. Assim, temos em vista o texto “A marcha das Utopias”, em que Oswald de

Andrade, ao tematizar a utopia “como forma da experiência humana que reorienta nossa ‘credulidade’ e ‘imaginação’ para o possível, contra a ordem estabelecida” (Valle, 2017, p. 323), trata precisamente do “sentimento órfico”. É possível que, sob o viés da tradição órfica por nós investigada, possamos elaborar uma perspectiva inédita acerca da obra poética de Oswald de Andrade, até o momento cristalizado no modernismo. Pretendemos, ainda, aprofundar a investigação acerca das ressonâncias do mito de Orfeu também em relação às poéticas, por exemplo, de Mario Faustino (Campos, 2006), Jorge de Lima (Andrade, 1997; Sterzi, 2012) e José Paulo Paes (Pires, 2013).

Assim, sempre numa leitura transversal das figuras órficas, imagens e os *topoi* (Curtius, 2013, p. 108) da *Cavalo Azul* (Cavalo Azul, Eremita, Poeta Vate), esperamos sugerir uma visão mais complexa e abrangente do quadro da poesia brasileira desde, pelo menos, o modernismo às décadas de 1960, 1970 e 1980.

Quanto às demais temáticas aqui mencionadas trataremos do vínculo determinante entre a *Cavalo Azul* e a revista *Diálogo* (1955-63), particularmente da convergência entre as publicações no que concerne, por exemplo, à precedência de Martin Heidegger e a reverberação de seu pensamento poético e filosófico na “cena” cultural brasileira. Outra questão a ser desenvolvida em nossa pesquisa diz respeito à precedência do romantismo alemão, movimento crucial para compreendermos uma revista deferente a nomes como Hölderlin, Schelling, Novalis e Schiller.¹⁴

Por fim, trataremos ainda de temáticas adjacentes relacionadas, por exemplo, à questão do mito judaico-cristão da queda, figura comum da poesia moderna considerada por Eduardo Veras (2013), precisamente

14 Com base nos trabalhos de Hölderlin (2020), Agamben (2022), Abrams (2010), Berlin (2022) e Walter Benjamin (2002).

acerca do dogma do pecado original em particular; à questão da antipoesia e a figura do cavalo investigada por Rodrigo Damasceno (2019).

Referências

ABRAMS, Meyer Howard. *O espelho e a lâmpada*. Trad. Alzira Allegro. São Paulo: EdUnesp, 2010.

AGAMBEN, Giorgio. *A loucura de Hölderlin*. Trad. Wander Miranda. Belo Horizonte: Âyiné, 2022.

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. Selvino José Assman. São Paulo: Boitempo, 2007.

ALONSO JÚNIOR, Rafael Miguel. *Conhecer, Flusser*. Tese - UFSC, PPGLIT, Fpolis, 2018.

ANDRADE, Fábio de Souza. *O engenheiro noturno*. São Paulo: EdUSP, 1997.

ANDRADE, Oswald. “A marcha das Utopias”. In: *Obra incompleta*.T.1. SP: EdUSP, 2021.

ANTELO, Raúl. As revistas literárias brasileiras. *Boletim NELIC* v. 1, n. 2, 1997.

BERNABÉ, Alberto. *Hieros logos. Poesía órfica sobre los dioses*. Madrid: AKAL, 2003.

ANTELO, Raúl. *Literatura em Revista*. São Paulo: Ática, 1984.

ANTELO, Raúl. O arquivo e o presente. *Gragoatá*, n. 22, 2007, p. 43-61.

BENJAMIN, Walter. Capitalism as Religion. In: BULLOCK, Marcus JENNINGS, Michael. (ed.). *Selected Writings*. v.1, 1913-1926. London: Harvard U. Press, 1996, p. 288-292.

BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. SP: Iluminuras, 2002.

BERARDINELLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

BERLIN, Isaiah. *As raízes do romantismo*. Trad. Isa Lando. São Paulo: Fósforo, 2022.

BORNHEIM, Gerd. Filosofia do Romantismo. In: GUINSBURG, Jacó. (org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 75-112.

BOSI, Viviana. *Poesia em risco*. São Paulo: Editora 34, 2021.

BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Não há sol que sempre dure. *Boletim NELIC*, v. 2, n. 3, 1998.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Por que ainda lemos revistas de poesia? *Boletim NELIC*, 13, n. 20, 2013.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Sobre revistas, periódicos e qualis tais. *Outra travessia*, v. 40, n. 1, 2003, p. 21-36.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Sobrevivências: A revista Cavalo Azul. In: SCRAMIN, Susana. (org.). *Alteridades na poesia: risco, aberturas, sobrevivências*. São Paulo: Iluminuras, 2016.

CAMILO, Vagner. *A modernidade entre tapumes: Da poesia social à inflexão neoclássica na lírica brasileira moderna*. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

CAMPOS, Haroldo de. “Mário Faustino ou a impaciência órfica”. In: *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Cavalo Azul, n. 1;2;3;4;5;6;7;8;9; 10; 11/12. São Paulo: Cupolo; João Scortecci; Massao Ohno , 1964/5/9/ 1979/ 1980 / 88/ 89.

COHN, Sérgio. *Revistas de Invenção*: 1 ed. São Paulo: Azougue, 2011.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: EdUSP, 2013.

DAMASCENO, Rodrigo Lobo. *Contra a poesia ou voltas de um cavalo em volta da tese*. Tese – FFLCH, USP.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001 [1995].

DERRIDA, Jacques. *Morada* : Maurice Blanchot. Trad. Silvina Rodrigues Lopes. Vendaval, 2004.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo*. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

FLUSSER, Vilém. *Cavalo Azul* [s.d.]. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art188.pdf>. Acesso em: 26 set. 2023.

FLUSSER, Vilém. Iconoclastia. *Cavalo Azul*, n. 8, 1979, p. 85-108.

FREITAS E SOUZA, Enivalda Nunes. *Flores de Perséfone*. Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013.

HAMBURGUER, Michael. *A verdade da poesia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HARTOG, François. *Tempo e história*. Trad. A. C. Brefe, 1996.

HÖLDERLIN, Friederich. *Fragmentos de poética e estética*. Trad. Ulisses Vaccari. São Paulo: EdUSP, 2020.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. “A autonomia estética e o paradigma da antigüidade clássica no classicismo e na primeira fase do romantismo alemão.” *Forum deustch. Revista Brasileira de Estudos Germânicos*. v. 1, 2002, inserir páginas.

LOBO, Luiza. *Teorias poéticas do romantismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto 1987.

MARIANA, Dora. Editorial. *Cavalo Azul*, n. 2, 1965, p. 2.

MOURA, Murilo Marcondes de. *Murilo Mendes: A poesia como totalidade*. São Paulo: EdUSP, 1996.

MOUTINHO, José Geraldo Nogueira. Pius Vates. *Cavalo Azul* n. 3, p. 63-67.

NUNES, Benedito. A Visão Romântica. In: GUINSBURG, J. op. cit., 2013.

PETRY, Fernando Floriani. *O cão e o frasco, o perfume e a cruz*. Dissertação - UFSC, PPGLIT, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95522> Acesso em: 18 abr. 2024.

PIRES, Antônio Donizetti. Orfeu sem travessa: leitura de um poema de José Paulo Paes. *Signótica*, v. 25, n. 1, 2013, p. 69–80.

ROQUE, Maura Voltarelli. *O diálogo com o invisível na poética do entrelugar de Dora Ferreira da Silva*. Dissertação - UNICAMP, IEL. Campinas, 2014.

ROSA, João Guimarães. Duas Cartas. 19 de fev. de 1958. *Cavalo Azul*, n.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

3., s.a. p. 31-34.

ROSENFELD, Anatol. “Aspectos do Romantismo Alemão”. *Cavalo Azul*, n. 1, São Paulo: Cupolo, 1964, p. 3-21.

SISCAR, Marcos. *Poesia e Crise*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

STERZI, Eduardo. Invenção de Orfeu: uma epopéia moderna? *Organon*, 15, n. 30-31, 2012.

TRILLING, Lionel. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965, p. 113-123.

VALLE, Ulisses. “A Filosofia da História de Oswald de Andrade.” *Remate de males*, n. 37, 2017, p. 323- 344.

VERAS, Eduardo Horta Nassif. *A encenação tediosa do imortal pecado: Baudelaire e o mito da queda*. Tese - UFMG, 2013.

VORTRIEDE, Werner. *Novalis und die französischen Symbolisten*. Stuttgart: Kohlhamer, 1963, p. 149.

Submissão: 20/04/2024
Aceite: 21/08/2024

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2024.e99739>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*